



COMO SE DEVE VIVER: VALE TUDO PARA SER FELIZ?

Professor: Luiz Felipe Pondé

Monitor: Rafael Franco

Sala: Auditório

Aula 4 – Contemporâneos: vale tudo pra ser feliz? - 23/3/2013

O tema do aperfeiçoamento já aparecia nas discussões filosóficas desde a Grécia Antiga, porém foi interpretado de diferentes formas ao longo da história. Na filosofia grega, ele aparece na ideia de *aretê* (virtude), ao considerar que a felicidade e a plenitude são alcançadas quando encontramos nosso papel no mundo. Já no Cristianismo, o tema estava ligado ao conceito de um engrandecimento através da fé, devido à herança do pecado original de Adão e Eva, que nos limita e nos tira a autonomia.

A partir do Renascimento, a ideia de que o homem pode, através do seu conhecimento, vencer precariedades fisiológicas e psicológicas ganhou força, por influência da valorização da razão e do antropocentrismo. Essas concepções chegaram até a modernidade e atualmente são traduzidas no consumismo. Jürgen Habermas denominou esse aperfeiçoamento como eugenia liberal, ou seja, ela não é mais imposta por um Estado totalitário, mas acontece por meio do mercado de produtos biotecnológicos.

Portanto, o primeiro indicativo de que vale tudo para ser feliz é que aparentemente não existe nenhum valor moral que resista a pressão em favor da felicidade. O sociólogo Zygmunt Bauman afirmou que “na pós-modernidade, o homem vive no deserto, mas não tem bússola”, comentando a falta de valores e referenciais na sociedade contemporânea.

No debate sobre como se deve viver, há sempre a questão se devemos nos guiar pelas emoções ou pela razão. Segundo o senso comum, o ideal é saber encontrar um equilíbrio entre essas duas instâncias, porém a pergunta que permanece é: quanto por cento de cada um? O Romantismo é um mal-estar com a racionalidade burguesa, por outro lado, os racionalistas encaram o romantismo como uma adolescência retardada.

A nossa época é obcecada pela felicidade, transformada em produtos e modelos. Entretanto, a busca da felicidade atrelada ao consumismo apenas leva a um estado de insatisfação constante. A felicidade tem uma hierarquia que passa pela capacidade de valorizar coisas perenes.

Observação: *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*



COMO SE DEVE VIVER: VALE TUDO PARA SER FELIZ?

Professor: Luiz Felipe Pondé

Monitor: Rafael Franco

Sala: Auditório

Aula 4 – Contemporâneos: vale tudo pra ser feliz? - 23/3/2013

O tema do aperfeiçoamento já aparecia nas discussões filosóficas desde a Grécia Antiga, porém foi interpretado de diferentes formas ao longo da história. Na filosofia grega, ele aparece na ideia de *aretê* (virtude), ao considerar que a felicidade e a plenitude são alcançadas quando encontramos nosso papel no mundo. Já no Cristianismo, o tema estava ligado ao conceito de um engrandecimento através da fé, devido à herança do pecado original de Adão e Eva, que nos limita e nos tira a autonomia.

A partir do Renascimento, a ideia de que o homem pode, através do seu conhecimento, vencer precariedades fisiológicas e psicológicas ganhou força, por influência da valorização da razão e do antropocentrismo. Essas concepções chegaram até a modernidade e atualmente são traduzidas no consumismo. Jürgen Habermas denominou esse aperfeiçoamento como eugenia liberal, ou seja, ela não é mais imposta por um Estado totalitário, mas acontece por meio do mercado de produtos biotecnológicos.

Portanto, o primeiro indicativo de que vale tudo para ser feliz é que aparentemente não existe nenhum valor moral que resista a pressão em favor da felicidade. O sociólogo Zygmunt Bauman afirmou que “na pós-modernidade, o homem vive no deserto, mas não tem bússola”, comentando a falta de valores e referenciais na sociedade contemporânea.

No debate sobre como se deve viver, há sempre a questão se devemos nos guiar pelas emoções ou pela razão. Segundo o senso comum, o ideal é saber encontrar um equilíbrio entre essas duas instâncias, porém a pergunta que permanece é: quanto por cento de cada um? O Romantismo é um mal-estar com a racionalidade burguesa, por outro lado, os racionalistas encaram o romantismo como uma adolescência retardada.

A nossa época é obcecada pela felicidade, transformada em produtos e modelos. Entretanto, a busca da felicidade atrelada ao consumismo apenas leva a um estado de insatisfação constante. A felicidade tem uma hierarquia que passa pela capacidade de valorizar coisas perenes.

Observação: *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*



COMO SE DEVE VIVER: VALE TUDO PARA SER FELIZ?

Professor: Luiz Felipe Pondé

Monitor: Rafael Franco

Sala: Auditório

Aula 4 – Contemporâneos: vale tudo pra ser feliz? - 23/3/2013

O tema do aperfeiçoamento já aparecia nas discussões filosóficas desde a Grécia Antiga, porém foi interpretado de diferentes formas ao longo da história. Na filosofia grega, ele aparece na ideia de *aretê* (virtude), ao considerar que a felicidade e a plenitude são alcançadas quando encontramos nosso papel no mundo. Já no Cristianismo, o tema estava ligado ao conceito de um engrandecimento através da fé, devido à herança do pecado original de Adão e Eva, que nos limita e nos tira a autonomia.

A partir do Renascimento, a ideia de que o homem pode, através do seu conhecimento, vencer precariedades fisiológicas e psicológicas ganhou força, por influência da valorização da razão e do antropocentrismo. Essas concepções chegaram até a modernidade e atualmente são traduzidas no consumismo. Jürgen Habermas denominou esse aperfeiçoamento como eugenia liberal, ou seja, ela não é mais imposta por um Estado totalitário, mas acontece por meio do mercado de produtos biotecnológicos.

Portanto, o primeiro indicativo de que vale tudo para ser feliz é que aparentemente não existe nenhum valor moral que resista a pressão em favor da felicidade. O sociólogo Zygmunt Bauman afirmou que “na pós-modernidade, o homem vive no deserto, mas não tem bússola”, comentando a falta de valores e referenciais na sociedade contemporânea.

No debate sobre como se deve viver, há sempre a questão se devemos nos guiar pelas emoções ou pela razão. Segundo o senso comum, o ideal é saber encontrar um equilíbrio entre essas duas instâncias, porém a pergunta que permanece é: quanto por cento de cada um? O Romantismo é um mal-estar com a racionalidade burguesa, por outro lado, os racionalistas encaram o romantismo como uma adolescência retardada.

A nossa época é obcecada pela felicidade, transformada em produtos e modelos. Entretanto, a busca da felicidade atrelada ao consumismo apenas leva a um estado de insatisfação constante. A felicidade tem uma hierarquia que passa pela capacidade de valorizar coisas perenes.

Observação: *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*



COMO SE DEVE VIVER: VALE TUDO PARA SER FELIZ?

Professor: Luiz Felipe Pondé

Monitor: Rafael Franco

Sala: Auditório

Aula 4 – Contemporâneos: vale tudo pra ser feliz? - 23/3/2013

O tema do aperfeiçoamento já aparecia nas discussões filosóficas desde a Grécia Antiga, porém foi interpretado de diferentes formas ao longo da história. Na filosofia grega, ele aparece na ideia de *aretê* (virtude), ao considerar que a felicidade e a plenitude são alcançadas quando encontramos nosso papel no mundo. Já no Cristianismo, o tema estava ligado ao conceito de um engrandecimento através da fé, devido à herança do pecado original de Adão e Eva, que nos limita e nos tira a autonomia.

A partir do Renascimento, a ideia de que o homem pode, através do seu conhecimento, vencer precariedades fisiológicas e psicológicas ganhou força, por influência da valorização da razão e do antropocentrismo. Essas concepções chegaram até a modernidade e atualmente são traduzidas no consumismo. Jürgen Habermas denominou esse aperfeiçoamento como eugenia liberal, ou seja, ela não é mais imposta por um Estado totalitário, mas acontece por meio do mercado de produtos biotecnológicos.

Portanto, o primeiro indicativo de que vale tudo para ser feliz é que aparentemente não existe nenhum valor moral que resista a pressão em favor da felicidade. O sociólogo Zygmunt Bauman afirmou que “na pós-modernidade, o homem vive no deserto, mas não tem bússola”, comentando a falta de valores e referenciais na sociedade contemporânea.

No debate sobre como se deve viver, há sempre a questão se devemos nos guiar pelas emoções ou pela razão. Segundo o senso comum, o ideal é saber encontrar um equilíbrio entre essas duas instâncias, porém a pergunta que permanece é: quanto por cento de cada um? O Romantismo é um mal-estar com a racionalidade burguesa, por outro lado, os racionalistas encaram o romantismo como uma adolescência retardada.

A nossa época é obcecada pela felicidade, transformada em produtos e modelos. Entretanto, a busca da felicidade atrelada ao consumismo apenas leva a um estado de insatisfação constante. A felicidade tem uma hierarquia que passa pela capacidade de valorizar coisas perenes.

Observação: *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*



COMO SE DEVE VIVER: VALE TUDO PARA SER FELIZ?

Professor: Luiz Felipe Pondé

Monitor: Rafael Franco

Sala: Auditório

Aula 4 – Contemporâneos: vale tudo pra ser feliz? - 23/3/2013

O tema do aperfeiçoamento já aparecia nas discussões filosóficas desde a Grécia Antiga, porém foi interpretado de diferentes formas ao longo da história. Na filosofia grega, ele aparece na ideia de *aretê* (virtude), ao considerar que a felicidade e a plenitude são alcançadas quando encontramos nosso papel no mundo. Já no Cristianismo, o tema estava ligado ao conceito de um engrandecimento através da fé, devido à herança do pecado original de Adão e Eva, que nos limita e nos tira a autonomia.

A partir do Renascimento, a ideia de que o homem pode, através do seu conhecimento, vencer precariedades fisiológicas e psicológicas ganhou força, por influência da valorização da razão e do antropocentrismo. Essas concepções chegaram até a modernidade e atualmente são traduzidas no consumismo. Jürgen Habermas denominou esse aperfeiçoamento como eugenia liberal, ou seja, ela não é mais imposta por um Estado totalitário, mas acontece por meio do mercado de produtos biotecnológicos.

Portanto, o primeiro indicativo de que vale tudo para ser feliz é que aparentemente não existe nenhum valor moral que resista a pressão em favor da felicidade. O sociólogo Zygmunt Bauman afirmou que “na pós-modernidade, o homem vive no deserto, mas não tem bússola”, comentando a falta de valores e referenciais na sociedade contemporânea.

No debate sobre como se deve viver, há sempre a questão se devemos nos guiar pelas emoções ou pela razão. Segundo o senso comum, o ideal é saber encontrar um equilíbrio entre essas duas instâncias, porém a pergunta que permanece é: quanto por cento de cada um? O Romantismo é um mal-estar com a racionalidade burguesa, por outro lado, os racionalistas encaram o romantismo como uma adolescência retardada.

A nossa época é obcecada pela felicidade, transformada em produtos e modelos. Entretanto, a busca da felicidade atrelada ao consumismo apenas leva a um estado de insatisfação constante. A felicidade tem uma hierarquia que passa pela capacidade de valorizar coisas perenes.

Observação: *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*



COMO SE DEVE VIVER: VALE TUDO PARA SER FELIZ?

Professor: Luiz Felipe Pondé

Monitor: Rafael Franco

Sala: Auditório

Aula 4 – Contemporâneos: vale tudo pra ser feliz? - 23/3/2013

O tema do aperfeiçoamento já aparecia nas discussões filosóficas desde a Grécia Antiga, porém foi interpretado de diferentes formas ao longo da história. Na filosofia grega, ele aparece na ideia de *aretê* (virtude), ao considerar que a felicidade e a plenitude são alcançadas quando encontramos nosso papel no mundo. Já no Cristianismo, o tema estava ligado ao conceito de um engrandecimento através da fé, devido à herança do pecado original de Adão e Eva, que nos limita e nos tira a autonomia.

A partir do Renascimento, a ideia de que o homem pode, através do seu conhecimento, vencer precariedades fisiológicas e psicológicas ganhou força, por influência da valorização da razão e do antropocentrismo. Essas concepções chegaram até a modernidade e atualmente são traduzidas no consumismo. Jürgen Habermas denominou esse aperfeiçoamento como eugenia liberal, ou seja, ela não é mais imposta por um Estado totalitário, mas acontece por meio do mercado de produtos biotecnológicos.

Portanto, o primeiro indicativo de que vale tudo para ser feliz é que aparentemente não existe nenhum valor moral que resista a pressão em favor da felicidade. O sociólogo Zygmunt Bauman afirmou que “na pós-modernidade, o homem vive no deserto, mas não tem bússola”, comentando a falta de valores e referenciais na sociedade contemporânea.

No debate sobre como se deve viver, há sempre a questão se devemos nos guiar pelas emoções ou pela razão. Segundo o senso comum, o ideal é saber encontrar um equilíbrio entre essas duas instâncias, porém a pergunta que permanece é: quanto por cento de cada um? O Romantismo é um mal-estar com a racionalidade burguesa, por outro lado, os racionalistas encaram o romantismo como uma adolescência retardada.

A nossa época é obcecada pela felicidade, transformada em produtos e modelos. Entretanto, a busca da felicidade atrelada ao consumismo apenas leva a um estado de insatisfação constante. A felicidade tem uma hierarquia que passa pela capacidade de valorizar coisas perenes.

Observação: *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*



COMO SE DEVE VIVER: VALE TUDO PARA SER FELIZ?

Professor: Luiz Felipe Pondé

Monitor: Rafael Franco

Sala: Auditório

Aula 4 – Contemporâneos: vale tudo pra ser feliz? - 23/3/2013

O tema do aperfeiçoamento já aparecia nas discussões filosóficas desde a Grécia Antiga, porém foi interpretado de diferentes formas ao longo da história. Na filosofia grega, ele aparece na ideia de *aretê* (virtude), ao considerar que a felicidade e a plenitude são alcançadas quando encontramos nosso papel no mundo. Já no Cristianismo, o tema estava ligado ao conceito de um engrandecimento através da fé, devido à herança do pecado original de Adão e Eva, que nos limita e nos tira a autonomia.

A partir do Renascimento, a ideia de que o homem pode, através do seu conhecimento, vencer precariedades fisiológicas e psicológicas ganhou força, por influência da valorização da razão e do antropocentrismo. Essas concepções chegaram até a modernidade e atualmente são traduzidas no consumismo. Jürgen Habermas denominou esse aperfeiçoamento como eugenia liberal, ou seja, ela não é mais imposta por um Estado totalitário, mas acontece por meio do mercado de produtos biotecnológicos.

Portanto, o primeiro indicativo de que vale tudo para ser feliz é que aparentemente não existe nenhum valor moral que resista a pressão em favor da felicidade. O sociólogo Zygmunt Bauman afirmou que “na pós-modernidade, o homem vive no deserto, mas não tem bússola”, comentando a falta de valores e referenciais na sociedade contemporânea.

No debate sobre como se deve viver, há sempre a questão se devemos nos guiar pelas emoções ou pela razão. Segundo o senso comum, o ideal é saber encontrar um equilíbrio entre essas duas instâncias, porém a pergunta que permanece é: quanto por cento de cada um? O Romantismo é um mal-estar com a racionalidade burguesa, por outro lado, os racionalistas encaram o romantismo como uma adolescência retardada.

A nossa época é obcecada pela felicidade, transformada em produtos e modelos. Entretanto, a busca da felicidade atrelada ao consumismo apenas leva a um estado de insatisfação constante. A felicidade tem uma hierarquia que passa pela capacidade de valorizar coisas perenes.

Observação: *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*